

# VALDO MOTTA: POESIA E ENGAJAMENTO<sup>1</sup>

---

## VALDO MOTTA: POETRY AND ENGAGEMENT

Jurema Oliveira\*  
(*In memoriam*)

Erotismo é a experiência da atração sexual e a descrição dos atos e afetos engajados nessas práticas, conforme a percepção e a linguagem do senso comum. Sexualidade, em contrapartida, é um construto teórico, nascido da racionalidade científica ou com pretensões à cientificidade. O erotismo é uma experiência orientada por finalidades ético-estéticas que visam construir domínios eróticos onde os prazeres proibidos ou permitidos não obedecem à codificação moral criada pela ciência. De modo semelhante, diria, o homoerotismo oitocentista foi terreno prévio formado pela prática amorosa entre pessoas do mesmo sexo biológico, terreno onde se deu a intervenção dos agentes de produção do homossexualismo. O que não quer dizer que, antes dessa intervenção, o homoerotismo exprimissem a

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Jurema. Valdo Motta: poesia e engajamento. In: AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de; NEVES, Ricardo Santos; SALGUEIRO, Wilberth (Org.). *Bravos companheiros e fantasmas 4: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Vitória: Edufes, 2011. p. 123-128.

\* Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

verdadeira natureza dos amores masculinos  
(COSTA, 1992, p. 44).



O presente trabalho tem por objetivo depreender as marcas do engajamento homoerótico e da paródia como marca discursiva na escrita de *Bundo e outros poemas* (1996). A literatura enquanto produto da sociedade envolve questões complexas e indissociáveis como: o vínculo do autor com seu tempo, a posição que o autor ocupa na sociedade, bem como o aspecto estético norteador da obra. Além disso, a literatura expressa particularidades preponderantes para a formação “espiritual” das nações, pois como produto da cultura tem o poder de expressar a “alma coletiva”. A isto se soma o fato de a literatura ser fruto da manipulação que o autor faz da linguagem, pois:

A condição de ser poeta se define na tradução de uma parte na outra parte de sua orientação para o ‘outro’, como um projeto artístico e existencial que não se esgota na realização do poema, produto de elaboração criativa, mas como o espaço onde se move o ‘ser’ continuamente, pois a situação assim colocada não é uma resposta, mas uma indagação que se renova constantemente (FONSECA, 1997, p. 157).

Nesse cenário multifacetado, Valdo Motta vislumbra caminhos estéticos para expressar uma poética homoerótica que busca atingir o sagrado por meio do corpo, do desejo. Assim, o sujeito poético encontra “No cu do mistério” algumas respostas, pois,

Em honra aos arautos da utopia, em prêmio aos seus tantos sacrifícios e para o consolo dos aflitos, revela a sapiência do Espírito Santo que o burquinho fedorento é a passagem secreta para os universos paralelos, o caminho da eleição dos santos e heróis, a via estreita da liberdade dos cansados e oprimidos. Protegido por monstros legendários, milenares interditos e artifícios incontáveis, proscrito e disfarçado a todo custo, é por ele o acesso ao manancial da vida, que aos destemidos concede o gozo das venturanças, e somente ele conduz ao filão das maravilhas, jazida da Pedra Filosofal, sendo a única estrada para o centro de Luz, a Cidade Azul dos Imortais, refúgio da Deusa eternamente virgem & seu Pai, Filho e Esposo excomungados (MOTTA, 1996, p. 61).

Assim, o sujeito poético fazendo uso da paródia cumpre um duplo papel em *Bundo e outros poemas*, pois revela e anula a partir da revelação. Neste sentido, podemos dizer que a paródia tem entre outras funções a capacidade de desvendar aquilo que a ideologia esconde, no entanto, precisa romper com a linguagem sem rasura, atemporal e “celestial”, com o intuito de produzir uma imagem alegórica de um mundo disforme que precisa ser decifrado e recodificado por uma ótica dialógica para trazer à cena vozes que dialogam com o ontem e o hoje para decifrar o insólito retratado em “Anunciação”:

Eu sou a Nossa Senhora do Buraco Negro,  
Sujo e Fedorento da Rocha Dorsal,  
mãe dos nove céus, a tetéia do caralhudo.  
Sou a dona de todo o universo.  
Estou injuriada com este povo  
atolado em minhas pragas, em desgraças  
que o louvor a Deus evitaria.  
Ai de quem esqueceu a pedra santa  
e o caminho da casa Senhor  
(MOTTA, 1996, p. 33).

A transgressão e, conseqüentemente, a violência presente no erotismo sofre modificações em função do tratamento dado à questão. As civilizações organizam determinados princípios de distribuição do gozo e promulgam regras e interditos, cujo mistério é tematizado pelo sistema religioso. A religião não tem como função principal explicar racionalmente a ordem do universo. A organização do sagrado não se dirige à razão consciente, pois sua função mais superficial parece ser a de deixar o desconhecido aparecer no conhecido.

Desta forma, a religião constitui apenas uma transposição do exílio do gozo, porém não é responsável por esse exílio, pois apenas tem o papel de apresentar o mito. Cabe ressaltar, no entanto, que

A função mais importante do mito é, pois, ‘fixar’ os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas: alimentação, sexualidade, trabalho, educação etc. Comportando-se como ser humano plenamente responsável, o homem imita os gestos exemplares dos deuses, repete as ações deles, quer se trate de uma

simples função fisiológica, como, a alimentação, quer de uma atividade social, econômica, cultural, militar etc. (ELIADE, 1992, p. 87).

Neste sentido o sagrado ritualiza com tamanha força os acontecimentos mais significativos da vida sexual, e seu cerimonial organiza o erotismo da sociedade onde ele predomina – quer seus membros se dêem conta disso, quer, na maioria das vezes, o ignorem. Logo, o mito revela a sacralidade absoluta porque relata a atividade criadora dos deuses e desvenda a sacralidade da obra deles. Em outras palavras, “o mito descreve as diversas e às vezes dramáticas irrupções do sagrado do mundo” (ELIADE, 1992, p. 86).

Sendo assim, o diálogo promovido por Valdo Motta entre o sagrado e profano encontra respaldo nas noções bakhtinianas de polifonia, dialogismo, ou seja, nas várias vozes presentes no texto: “Tabernaculu dei” ou “Vim para lançar fogo à terra” (Lucas 12:49).

Onde o germe é imortal  
e crepita o fogo eterno,  
no lugarzinho por onde  
o espírito entra nos ossos,  
é neste lugar terrível  
a casa do Deus dos deuses  
e a entrada dos céus.

Desposando este rochedo  
podereis vencer a morte.  
Mas quem há de se abrigar  
neste fogo devorador?  
Quem poderá habitar  
nesta fogueira perpétua?  
Só quem se fizer criança  
brincará no fojo do dragão  
e o criancião adentrará a mão  
na forja serpentecostal.

Desejo ser hóspede cativo  
deste tabernáculo supremo,  
habitar na montanha santa,  
descansando em justa paz  
no esconderijo do Altíssimo,  
desfrutando as gostosuras  
da árvore da vida eterna,  
entre suspiros e cânticos  
de louvor ao nosso Deus.

Tudo em riba do penedo

tudo em cima do morrão.  
 Todo mundo atrás de Deus  
 Deus atrás de todo mundo.  
 Deus fiel e bão, que atija  
 o fogo da vida em nosso rabo.

A descaracterização do discurso bíblico constitui-se numa marca transgressora na poética de Valdo Motta. Transgredir pressupõe violar as leis preestabelecidas. A humanidade guarda, entre outros preceitos, o 'não matarás'. Este deve ser zelado e guardado universalmente. Ele não nasce nos limites da razão, mas se estabelece como regra pela natureza do tabu, "que torna possível um mundo da calma e da razão" (BATAILLE, 1987, p. 60). No entanto, isso não significa que o tabu não possa ser violado e continuar tendo depois disso o estatuto de intangível. Na obra *Erotismo*, Bataille apresenta a seguinte proposição: "o interdito existe para ser violado". Em outras palavras, as regras existem para serem quebradas, mas esta ideia guarda em si uma outra questão, os efeitos gerados pela violação das leis sacralizadas.

Desta forma, quando a emoção for positiva, a regra pode ser quebrada, mas, diante da emoção negativa, mantém-se o interdito, já que ele tem a capacidade de eliminar a violência humana. Isso porque o interdito controla o impulso que se forma no inconsciente do homem, como o sentimento de morte que precisa ser reprimido, porque esse interdito deve ser mantido para o equilíbrio e estabilidade da vida comunitária.

No plano metafórico, o interdito da arte violado por Valdo Motta significa matar um discurso sacralizado para reinterpretá-lo por uma outra ótica, porque:

Meu nome não é meu:  
 é produto, corolário  
 da parolagem mundana  
 movida a desejo e sonho  
 de absurda liberdade;

é fruto retardatário  
 da lavoura onomástica  
 que deuses e anjos bestas  
 cultivam neste desterro  
 e arremedo do Céu íntimo.

Meu nome não sou eu:  
é outro, adversário  
que combato, mato e como,  
filho desnecessário.

Baste o Nome secreto  
(MOTTA, 1996, p. 63).

Trilhando o caminho da releitura, Valdo Motta: "Não resistindo à tentação da pilhagem [surrupiou] também a 'flor da circuncisão' de Lorca; de Drummond, [logo] 'No meio do caminho tinha uma pedra' virou 'NO MEIO DO CAMINHO EIS A PEDRA'" (MOTTA, 1996, p. 15). No dizer de Blanchot, a arte busca respostas para perguntas provenientes das inquietações humanas e, cada vez que a arte tenta dar uma resposta a essas solicitações do senso comum, "ela se formula de novo, cumpre ver nesse 'de novo' uma exigência que, em primeiro lugar, nos surpreende" (BLANCHOT, 1987, p. 211). Neste sentido, o mesmo, o repetido, encontra apaziguamento em si mesmo, pois o novo é o que sobra, o mais da repetição, o que leva a arte permanecer aberta.

Em um artigo intitulado "A desbundada poesia erótico-mística de Waldo Motta", o escritor Erly Vieira Junior faz a seguinte afirmação: "a poesia [de Motta] situa-se no cruzamento entre o homoerotismo e uma das Sagradas Escrituras, de uma maneira tão revolucionária e estarrecedora que proporcionou ao escritor muito mais barulho que qualquer poeta local no cenário nacional" (2006).

Por outro lado, a obra de Valdo Motta, como bem define Lugarinho, pertence a uma produção literária que

foi incluída na agenda acadêmica dos estudos literários [que valorizaram] objetos não previstos pela tradição crítica, como as identidades étnicas e religiosas, as nacionalidades pós-coloniais que, de certa forma, encontravam respaldo na crítica do século XIX, tendo, assim, sofrido uma reatualização com as novas realidades contemporâneas. Entretanto, o que se torna realmente novo é a discussão a respeito da sexualidade e do erotismo: a disseminação do conhecimento psicanalítico e o movimento feminista foram fundamentais para que o conceito de identidades sexuais viesse a ser reconhecido como relevante (LUGARINHO, 2001, p. 852).

Neste sentido, podemos dizer que a poesia de Valdo Motta é sexual, engajada, religiosa e carnavalizada naquele sentido pensado por Oswald de Andrade quando diz que “nunca fomos catequizados! Fizemos Carnaval”. E para ampliar esta visão, recupera-se aqui mais uma vez a visão de Lugarinho:

Em nós brasileiros, as leis da cultura, que determinam centros e margens, não teriam sido absorvidas, mas foram carnavalizadas e, portanto, deixadas como mero instrumento do aparato cultural. A proposta de Oswald de Andrade, esquecida nestes tempos de globalização, pode ser recuperada a partir do momento em que se entende a relativização da cultura de periferia com a cultura do centro. Para ele, não há centros disponíveis na cultura brasileira que, carnavalizada, produz um intenso não-senso nas relações das elites culturais e econômicas com as camadas populares. Somos mediados pela antropofagia: isto é, devoramos a cultura do outro, diluindo a nossa identidade cultural num intenso multiculturalismo (LUGARINHO, 2001, p. 853).

O engajamento constitui-se numa marca presente em toda poética de *Bundo e outros poemas*. Desta forma, misturando religião e homoerotismo, o sujeito poético fala dos aflitos e das gerações de condenados:

Consagrei-me sacerdote do Espírito Santo em desvarios sensuais, mergulhando no vórtice de prazeres renegados, destilando a quintessência dos humores serpentinos. No fervor das paixões retemperei o espírito e, satisfeitas minhas ânsias, hoje descanso no Eterno, em núpcias comigo. Descobri em meu corpo a réplica do universo, o umbigo do ubíquo. No âmago do abismo encontrei o bem e o mal em comunhão. E nunca mais fiz perguntas. Serpentes me coroam.

Fiz-me discípulo dos loucos mais contritos, mirando-me no exemplo de suas pirações. Pela meditação bisbilhotei as entranhas das trevas, e decifrei os propósitos secretos das potências invisíveis. Conheço os desejos mais sinistros da Inteligência perversa, a Esposa infernal, que concebe e produz gerações sucessivas de frutos condenados à morte. Imenso é o sofrimento neste círculo de horrores (MOTTA, 1996, p. 60).

Em *Bundo*, o sujeito poético encontra seu Deus por meio do corpo, nas entranhas das trevas, local de decifração dos “propósitos secretos das potências invisíveis” (MOTTA, 1986, p. 60). No entanto, o sujeito poético só não realiza seus desejos mais sinistros porque se depara com o impedimento imposto pela sociedade. Logo, somente a poesia poderá salvá-lo “da guela do abismo” (MOTTA, 1996, p. 79) e funcionará “como ponte que religue a algum distante céu” (MOTTA, 1996,

p. 79). Cabe ressaltar, no entanto, que fica evidente em todo o livro *Bundo e outros poemas* a força que a religiosidade tem na construção da obra.

De acordo com Azevedo,

A partir de um fundamentalismo homossexual, o poeta diviniza a estreita via num rito de adoração capaz de iluminar os destinos individuais e coletivos, como se a redenção da humanidade fosse puerilmente alcançada na prática dessa liturgia em que o ânus é uma espécie de chakra do conhecimento e da auto-transformação. Com a revelação poética desse culto ou vate pretende-se afirmar como o Messias do novo ciclo histórico – um novo milênio se inauguraria com esse livro em que José Celso reconheceu o 'evangelho do Deus anal'. Contudo, as fronteiras entre poesia e doutrina são tênues, parecendo às vezes que a poesia se sobrepõe à doutrina e que esta é farsa, outras vezes em que doutrina prescinde da intenção literária, reduzindo a poesia a simples veículo. Igualmente, podemos nos perguntar se Valdo é um converso de sua própria doutrina ou a prega porque ela se apresenta esteticamente como uma doutrina, ao mesmo tempo em que desconfia do poético? Tanto que esta para religião é construída com uma coerência interna, fechada em si mesma, autônoma, como um esteticismo, diferente, porém, dos esteticismos que aprimoram a autonomia da forma contra a vida e o mundo (AZEVEDO, 2002, p. 57-8).

Conclui-se que, em *Bundo e outros poemas*, a dessacralização da linguagem imprime uma marca de revelação às avessas, pois "Deus se manifesta pelas costas" (MOTTA, 1996, p. 121), porque "somente pelas costas podemos contemplar / adorar / conhecer a Deus" (MOTTA, 1996, p. 121). O corpo e o desejo homoerótico deixam de ser vistos como pecado para – por meio da escatologia – de forma festiva ser vistos como meio de alcançar a Deus.

### Referências:

- AZEVEDO Filho, Deneval Siqueira de. *Lira dos sete dedos: a poética de Valdo Motta: Vida e obra*. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2002.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: 1987.
- COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor*. 4 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

DIAS, Ângela Maria & GLENADEL, Paula. *Estéticas da crueldade*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FONSECA, Orlando. *Na vertigem da alegoria: militância poética de Ferreira Gullar*. Santa Maria: UFSM, Curso de Mestrado em Letras, 1997.

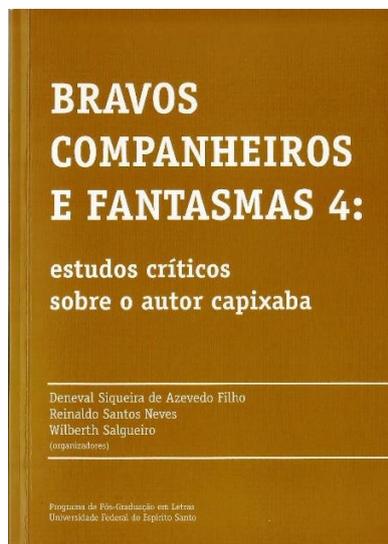
LUGARINHO, Mário César. Dizer o homoerotismo: Al Berto, poeta queer. In: DUARTE, Lélia Maria Parreira; OLIVEIRA, Paulo Motta; OLIVEIRA, Silvana Maria Pessôa (org.). *Encontros prodigiosos. Anais do XVII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa*. Volume II. Belo Horizonte: FALE / UFMG PUC Minas, 2001.

MOTTA, Valdo. *Bundo e outros poemas*. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

OLIVEIRA, Jurema José. *Violência e violação: uma leitura triangular do autoritarismo em três narrativas contemporâneas luso-afro-brasileiras*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2007.

POMMIER, Gerard. *Do bom uso erótico da cólera e algumas de suas conseqüências...* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

VIEIRA Junior, Erly. <http://www.overmundo.com.br/overblog/a-desbundada-poesia-erotica-mistica-de-waldo-motta>, 2006.



Capa de *Bravos companheiros e fantasmas 4* e página inicial do estudo "Valdo Motta: poesia e engajamento", de Jurema Oliveira.